

A ESCOLA DOS SONHOS: EM BUSCA DO PONTO DE VISTA DAS CRIANÇAS¹

SCHOOL OF DREAMS: IN SEARCH OF CHILDREN'S VIEWPOINT

Tammi Flávie Peres Borges de Souza²

Anamaria Santana da Silva³

RESUMO: O presente texto apresenta os resultados da investigação acerca das opiniões e percepções das crianças sobre a instituição de Educação Infantil. Adotou-se como objeto, as manifestações da criança acerca de suas experiências dentro do contexto de uma pré-escola, não por meio do discurso adulto, mas sim pela fala, pelo olhar, pelos gestos, pelas histórias, pelos desenhos, de quem a vivencia no momento - a criança. Desse modo, apoiando-se nos pressupostos teóricos da Sociologia da Infância, buscou-se examinar as manifestações expressivas das crianças com seus pares, adotando os seguintes objetivos específicos: apreender e analisar as concepções das crianças acerca da instituição de Educação Infantil que frequentam; apontar e refletir sobre possíveis direções que propiciem um ambiente agradável que as cuidem e eduquem respeitando mais os seus desejos, as suas necessidades e particularidades. Para tanto, o estudo com abordagem qualitativa, teve como participantes crianças que se encontram na faixa etária entre o quinto e o sexto ano de vida, de um agrupamento de Pré II, de uma instituição de Educação Infantil no município de Corumbá-MS. Nesse sentido, foram determinados os seguintes procedimentos metodológicos julgados condizentes para a busca das percepções dos sujeitos pesquisados: observação participante (com registros no diário de campo); conversa informal (gravada em áudio); desenhos (com direcionamentos temáticos) produzidos pelas crianças; visita guiada (gravada em áudio); e a história para completar (gravada em áudio). O contexto ao que as crianças têm acesso reflete intensamente na forma como se expressam; assim sendo, em vários momentos identificamos que ao contrário do que pensam muitos adultos, as crianças parecem não estarem satisfeitas com a escola e as práticas ali desenvolvidas. Em suma, a escuta das crianças neste estudo reforça a ideia da sua competência e a possibilidade de que sejam eleitos informantes principais acerca de temas que lhes dizem respeito.

PALAVRAS-CHAVE: crianças; investigação com crianças; Educação Infantil.

ABSTRACT: This text presents research results about the views and perceptions of children on the establishment of Early Childhood Education. It was adopted as an object, the manifestations of the child about their experiences within the context of a pre-school, not through discourse adult, but by talking, by the look, the gestures, the stories, by drawings, from whom the experiences at the time - the child. Thus, relying on the conceptual framework of the sociology of childhood, we attempted to examine the expressive manifestations of children with their peers, using the following specific objectives: understanding and analyzing the views of children about the institution they attend kindergarten; point and reflect on possible directions that provide a pleasant environment that nurture and educate more respecting their wishes, needs and circumstances. To this end, the study with a qualitative approach, as participants had children who are aged between the fifth and sixth years of

¹ Este texto é parte do Trabalho de Conclusão de Curso “A escola dos “meus” sonhos: há “luxo” no fim do túnel?”, defendido e aprovado em novembro de 2011 junto ao Curso de Pedagogia da UFMS - CPAN.

² Pedagoga, graduada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Corumbá. E-mail: tammiflavie@hotmail.com

³ Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Corumbá. E-mail: anamariasantana@uol.com.br

life, a grouping of Pre II, an institution for kindergarten in the municipality of Corumbá-MS. Accordingly, we determined the following methodological judged suitable for the search of the perceptions of study subjects: participant observation (with daily records in the field); informal conversation (recorded audio), drawings (with thematic directions) produced by the children; visit guided (recorded audio), and history to complete (recorded audio). The context in which children have access reflects intensely on how they express themselves, therefore, on several occasions we found that contrary to what many adults think children do not seem to be satisfied with the school and practices developed there. In short, listening to the children in this study reinforces the idea of their competence and ability to be elected to key informants about issues that concern them.

KEYWORDS: children; research in children; early childhood education.

INTRODUÇÃO

Estudos recentes evidenciam que, de certo modo, tem demorado para que as Ciências Sociais e Humanas direcionem seus estudos tendo a criança e a infância como objetos centrais de suas pesquisas, e, mais ainda, para que adotem como eixo de suas investigações o registro das várias expressões da criança, suas interações com o meio na qual está inserida. (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2007)

Desse modo, é possível afirmar que é relativamente nova a preocupação com estudos que interpretem as representações infantis de mundo, que tem por finalidade compreender o complexo e multifacetado processo de construção social da infância e o papel que a escola vem desempenhando diante desta “construção histórica própria da modernidade”. (NARODOWSKI, 1998, p. 172)

Neste sentido, Cruz (2008, p. 77) afirma que nos últimos anos, diversas áreas do conhecimento, através de novos estudos, têm paulatinamente reforçado e complementado a concepção de criança competente, “ressaltando as suas possibilidades de estabelecer relações e levantar hipóteses explicativas, bem como, de se comunicar, de argumentar, de pensar e refletir, de criar e manter vínculos interpessoais, enfim de produzir saberes e culturas”.

Esse novo modo de conceber e olhar a infância encontrou-se em consonância com o desejo de conhecer mais profundamente os modos de expressão da criança acerca de suas experiências dentro do contexto escolar, não por meio do discurso adulto, mas sim pela fala, pelo olhar, pelos gestos, pelas histórias, pelos desenhos, de quem a vivencia no momento - a criança.

Neste cenário, sem menosprezar a importância de se conhecer o ponto de vista dos adultos responsáveis pela educação da criança a respeito dos elementos e relações que constituem o cotidiano das instituições de Educação Infantil, este estudo adicionou-se aos

esforços que começaram a ser empreendidos por diversos autoresⁱ, com o intuito de valorizar e efetivar o direito que as crianças pequenas possuem de serem vistas, ouvidas e consideradas informantes principais na consulta sobre temas que lhes dizem respeitoⁱⁱ.

Tal proposta partiu do pressuposto de que a criança é um ser competente, ativo, crítico e comunicativo, conseqüentemente capaz de se posicionar a respeito das situações e relações que mais diretamente lhe afetam.

Desta forma, o presente artigo apresenta os resultados da investigação realizada no ano de 2011, que adotou como objeto de estudo as opiniões e percepções das crianças sobre a instituição de Educação Infantil; isto é, o que elas pensam a respeito da pré-escola que frequentam, com o objetivo de apontar e refletir sobre possíveis direções que propiciem um ambiente agradável que cuide e eduque respeitando mais os desejos, as necessidades e particularidades infantis.

O DESENVOLVIMENTO DA INVESTIGAÇÃO: POSSIBILIDADES DE ENCONTRO COM A ALTERIDADE DA INFÂNCIA

A investigação, inserida no campo da abordagem de pesquisa qualitativa, teve como participantes 25 crianças, de um agrupamento de Pré II, composto por nove meninas e 16 meninos de uma instituição de Educação Infantil no município de Corumbá-MS. No início do período da coleta de dados, que ocorreu no primeiro semestre do ano de 2011, a idade das crianças variava entre 5 e 6 anosⁱⁱⁱ.

Considerando os objetivos da investigação, o olhar deste estudo, assim como sugere Oliveira (2008), ajustou o foco buscando construir uma metodologia que possibilitasse um encontro com o outro (as crianças), com a alteridade da infância. Desta forma, partindo do reconhecimento da multiplicidade da infância e de que a criança se expressa por meio de diversas formas que precisavam ser exploradas, não optamos por uma única forma de aproximação e registro das representações das crianças sobre a Educação Infantil, mas por várias.

Nesta perspectiva, levando em consideração que entrar no mundo das crianças requer que o adulto crie condições propícias para tal, foram determinados os seguintes procedimentos metodológicos, julgados condizentes para a busca das percepções dos sujeitos pesquisados: observação participante (com registros no diário de campo); conversa informal (gravada em áudio); desenhos (com direcionamentos temáticos) produzidos pelas crianças^{iv}; visita guiada (gravada em áudio); e a história para completar (gravada em áudio)^v.

As observações foram realizadas durante dez dias em períodos inteiros, com a finalidade de se conhecer melhor a rotina, as atividades desenvolvidas e as relações que se estabeleciam neste contexto. Desta forma, este convívio forneceu elementos indispensáveis para a elaboração dos instrumentos determinados posteriormente.

Antes de dar continuidade à coleta de dados e iniciar os procedimentos metodológicos, através dos quais as crianças poderiam expressar as suas opiniões e percepções acerca da Educação Infantil, certificamos que todos compartilhavam o desejo de participar, tendo em mente os apontamentos de Leite (2008, p. 123), de que logo de início: “[...] as ações junto às crianças devem ser pelo menos centradas na opção, no desejo, no querer participar por parte delas. Pesquisar com crianças sem que estas assim o desejem é manter uma estrutura de poder e distanciamento que não as emancipa do papel de objetos de estudo”.

Nesta perspectiva, após o período de observações, com o objetivo de captar as opiniões das crianças, optamos por uma conversa informal. Este procedimento ocorreu no espaço da sala de aula pesquisado e durante o horário frequentado pelas crianças. Ao definir o espaço escolar para a condução desta técnica, foram ponderadas as vantagens e os riscos apontados por Cruz (2008, p. 82), quer seja, “o conforto de estar em um ambiente familiar”, favorecendo a participação e atenção das crianças às perguntas formuladas, e em contraposição “o risco de reforçar o desejo natural das mesmas em dar respostas ‘corretas’ (pela associação à situação de teste)”, levando em consideração que estes fatores deveriam ser considerados no momento da análise do material obtido.

A conversa teve início com a apresentação da intenção de pesquisa às crianças e também do gravador de áudio, indicando sua função, (guardar bem as suas opiniões). Logo após, procuramos identificar como o espaço da Educação Infantil era denominado por elas, tendo em vista que as nomenclaturas podem variar de acordo com o contexto, tais como: creche/pré-escola/escola. Neste caso, constatamos que para as crianças que frequentavam esta instituição, este lugar era denominado escola. Desse modo, ao realizar as próximas perguntas sobre o espaço da Educação Infantil pesquisado, utilizamos esta denominação nas frases.

Durante a conversa informal sobre a Educação Infantil as crianças foram convidadas a falar sobre: a) O que tem na escola – espaços, objetos, mobiliários-; b) o que fazem na escola – atividades, brincadeiras, rotina em geral-; c) O que mais gostam de fazer na escola; d) O que não gostam de fazer na escola. Os registros foram realizados com o gravador e, ao final da conversa, foi solicitado que as crianças desenhassem, individualmente, a escola

que frequentavam. Os dizeres das crianças sobre o que estavam desenhando foram individualmente gravados em áudio.

Como próxima técnica para a coleta de dados elegeu-se a *visita guiada*, procedimento que compreende momentos diferentes com um grupo composto por 5 ou 6 crianças para que estas nos apresentassem a escola (os espaços que elas conheciam). Os diálogos durante as visitas também foram gravados. Ao término de cada visita, foi solicitado que as crianças fizessem (individualmente) um desenho da escola e dos espaços visitados, sendo que este procedimento também foi gravado em áudio.

Em seguida, como última técnica utilizada, optamos pela *história para completar*^{vi}. Este procedimento ocorreu em momentos distintos, com 3 grupos, contendo em cada um, três crianças, sendo também gravado em áudio. Iniciou-se a técnica a partir da explicação de suas etapas aos participantes, onde em um primeiro momento seria contada uma história e ao seu término - por meio de indagações e incentivos - seria necessário que as crianças dessem suas opiniões para que a história ficasse completa.

A história contada foi a seguinte:

Era uma vez um lugar muito legal^{vii}, que tinha quase tudo que as pessoas precisam: tinha padaria, supermercado, açougue, loja, farmácia e outras coisas. Mas só tinha escola para as crianças grandes e para os adultos. Não tinha escola para as crianças pequenas. Então as pessoas e o governo acharam que precisava ter uma escola para as crianças pequenas como vocês e arranjaram o dinheiro que precisava para isso. Só que as pessoas não sabiam como essa escola tinha de ser. Elas queriam que essa escola fosse muito legal, mas não sabiam do que as crianças gostavam, o que elas queriam que tivesse lá. Então vamos ajudar essas pessoas? Vamos dizer pra elas como tem de ser essa pré-escola? O que tem de ter pra ser bem legal? (CRUZ, 2008, p. 83)

Ao fim da história sobre a criação de uma pré-escola bem legal, após todos os participantes apresentarem os elementos julgados por eles importante na criação deste novo espaço, foi pedido que as crianças desenhasssem uma escola “bem legal”.

Durante a coleta de dados, em todos os procedimentos foram realizadas diversas intervenções para estimular as crianças a responderem mais detalhadamente às perguntas. Desse modo, as intervenções geralmente ocorreram através de variações de uma mesma frase do tipo: “Que mais precisa ter?”, “Mais alguma coisa?”^{viii}. Em diversos momentos, tentou-se estimular as crianças que estavam se expressando menos que as demais, ou as que ainda não haviam falado, através de perguntas do tipo: “E você, o que acha?”. Muitas vezes, foram repetidas ou ressaltadas as respostas concedidas pelas crianças, a fim de incentivar a participação de todos.

PERCEPÇÕES E ANSEIOS DAS CRIANÇAS: PAREDES, PAREDES, PAREDES... COM MUITO LUXO!

De acordo com os objetivos e procedimentos selecionados para a coleta de dados, bem como, a partir da análise dos mesmos, emergiram duas categorias de análise: “a escola real: o espaço físico, a rotina e o convívio entre os pares” e a “escola dos meus sonhos: tem que ter luxo”!

Essas categorias são apresentadas a seguir, ilustradas com excertos dos registros obtidos com as técnicas já descritas. Para garantir o sigilo das identidades, usamos a letra "P" para representar pesquisadora, e a letra “C” as crianças, quando duas ou mais expressaram uma mesma idéia, também foram atribuídos às crianças nomes fictícios de personagens infantis de desenhos, de histórias em quadrinhos, de contos de fada e da literatura infantil brasileira.

Durante este processo, na sala de aula investigada atuaram três professoras sendo uma Regente, uma de Educação Física e outra de Artes, que ao longo do texto serão respectivamente denominadas por: P1, P2 e P3^{ix}.

A ESCOLA REAL: O ESPAÇO FÍSICO, A ROTINA E O CONVÍVIO ENTRE OS PARES

A Instituição na qual esta pesquisa foi desenvolvida atende tanto a Educação Infantil (E.I) quanto ao Ensino Fundamental (E.F). Desta forma, a delimitação dos espaços era evidenciada por paredes e grades que circundam todo o âmbito escolar. Entretanto, algumas vezes as crianças da E.I eram convidadas pelos professores a “ultrapassar as barreiras” que delimitam os espaços para usufruir de algumas salas e equipamentos, como a sala de vídeo ou a sala de informática, que estão “do lado de lá”, ou seja, no espaço do Ensino Fundamental.

A escola não possuía um parque e a quadra estava bastante distante do espaço estabelecido à E.I; sendo assim, o maior espaço oferecido ao recreio ou a alguma atividade por meio da qual as crianças poderiam correr, brincar, enfim expressar-se de diferentes formas era somente o pátio situado entre as salas. A escola também não possuía um refeitório, sendo as refeições realizadas dentro da sala de aula.

Estas questões tiveram reflexo nas respostas das crianças, que por passarem bastante tempo dentro da sala de aula demonstraram conhecer uma considerável parcela dos equipamentos que compõem o ambiente escolar. Isto porque quando indagadas sobre os espaços, objetos e mobiliários que faziam parte da escola, elas descreveram e citaram a

maioria dos equipamentos com os quais mantinham contato durante um considerável período de seus dias, tais como: cadeiras, mesas, portas, parede, televisão, armários ventilador, entre outros, bem como materiais escolares em geral.

No entanto, na realização da Visita Guiada ficou evidente que mesmo conhecendo os equipamentos que compõem as salas, as crianças não eram esclarecidas quanto às denominações destes espaços, tendo em vista que todos os grupos olhavam para salas diferentes e muitas vezes indicavam o mesmo nome para designá-las. No trecho a seguir que retrata um momento da Visita Guiada com um dos grupos, esta falta de informação fica bem claro:

P: E aqui, vocês sabem o que tem aqui dentro? C: brinquedo! P: Mas como se chama esse lugar? C: brinquedoteca. P: Então vamos continuar andando, olha só, lá é a brinquedoteca não é, e aqui é o que? C: brinquedoteca! P: A brinquedoteca não é lá? Aqui é o que? Não sabem? C: computadores. P: E aqui? Como se chama essa sala aqui? C: computadores. P: então vamos continuar! Como se chama esta sala? C: do livro! P: Então como é o nome da sala? C: brinquedoteca, internet. (Visita Guiada, 28/04/2011)

Referências a brinquedos foi outro elemento que mereceu destaque na fala das crianças; entretanto, na sala onde o estudo foi desenvolvido não existiam brinquedos para uso individual ou coletivo. Esta ausência de brinquedos dentro da sala de aula poderia ser suprida no momento em que os alunos fossem para a sala da brinquedoteca; porém, nos dias observados e também na fala das crianças o que ficou evidente é a função disciplinadora que esta sala possuía, tendo em vista que todas as vezes que as crianças estiveram nela foi para assistir a um vídeo de músicas ou filmes, sendo exigido ficar em silêncio e prestando atenção para que todos pudessem ouvir:

Todos fazem a fila e então seguimos para a brinquedoteca. O Pré I está aqui com o Pré II. Pato Donald está lá fora comendo seu lanche. Cebolinha está conversando com uma menina de outra sala. Algumas crianças estão sentadas em cadeiras, outras estão no chão. P3 diz para prestarem atenção, pois vai nascer uma fada no filme, então Anjinho diz: “eu já assisti” P3 diz: “vai assistir de novo!”. P2 quer aumentar o som da TV, então, antes que ela saia em busca de uma caixa de som maior, as crianças perguntam aonde ela vai; ela olha para as crianças com um semblante bem sério, diz: “Japão” e sai. P3 fica com as crianças, ela chama a atenção de quem está conversando. (Diário de campo, 21/03/2011)

P: Na Brinquedoteca, o que tem lá dentro? Docinho: monte de brinquedos! P: O que tem ali em cima da mesa? C: televisão! P: Ah, tem uma televisão e o que vocês fazem aí com a televisão? Cebolinha: assistir! P: O que vocês assistem? Pernalonga: Mônica! P: Mais alguma coisa, só Mônica? Pernalonga: Mônica de novo! P: Ah, o que mais vocês fazem aí dentro? Docinho: brinca! de brinquedo não brinca mais aí! P: Por quê? Docinho: porque a professora não deixa! P: Por que ela não deixa? Pernalonga: não deixa! só deixa a gente assistir! (Visita Guiada, 28/04/2011)

Enfim, as marcas de um espaço frio, fechado e pouco estimulante se confirmaram a partir da seguinte indagação: “ao sairmos da sala de aula o que vamos encontrar?” As respostas das crianças eclodiram em ecos: “parede, parede, parede...”.

As observações realizadas na sala de aula possibilitaram um contato relevante para a compreensão da rotina escolar em questão. As aulas sempre se iniciavam com a P1 que logo de início propunha às crianças que fizessem a “rodinha”. Neste momento, além de cantar sempre a mesma sequência de músicas e de fazerem a oração, as crianças poderiam falar sobre o seu final de semana, ou sobre o que fizeram no dia anterior.

Constatou-se que durante as aulas com a P1 as crianças tinham um maior contato com atividades diferenciadas (desenhos acompanhados de pinturas, história contada pela professora e recontada pelos alunos, vídeo na sala de brinquedoteca, vídeo na sala de informática, entre outras), porém repetitivas:

P1 diz para os alunos que vai contar a história da lebre e a tartaruga. P1 escreve no quadro o título da história e depois começa a contar, mostrando as ilustrações. P1 diz que agora todos vão desenhar a história que ouviram e depois pintar. (Diário de Campo, 15/03/2011)

P1 diz que vai contar uma história e que depois as crianças vão fazer uma atividade. P1 conta história sobre como foi feito o mundo, as crianças participam, respondendo as perguntas de P1 e se mostram muito interessadas. P1 pede para todos desenharem a terra, o sol e a lua. (Diário de Campo, 17/03/2011)

P1 diz que agora todos vão para a sala de informática conhecer. P1 diz que nesta sala tem vários computadores e que: “eles são para serem usados por todos os alunos, até vocês”. Ao voltarem para a sala de aula, P1 explica que na próxima vez que os alunos voltarem à sala de informática eles verão novamente as vogais, consoantes e os números. (Diário de Campo, 18/03/2011)

Durante a conversa informal as crianças demonstraram conhecer bem a rotina, indicando ter consciência do que faziam e de como acontecia:

P: Agora eu quero saber o que vocês fazem aqui na escola? C: estuda, pinta o desenho que já desenhou P: pinta o desenho que já desenhou e o que mais? C: escreve, escreve o nome. P: O que mais vocês fazem aqui? Vocês saem aqui da sala para ir para outra sala? C: não, não! P: Vocês não vão para outro lugar, só ficam aqui? C: anham, brinquedoteca! P: vocês vão pra brinquedoteca? C: vamos! O que vocês fazem na brinquedoteca? C: Assistir. (Conversa Informal, 27/04/2011)

P: Hoje agente conversou um pouquinho sobre a escola não é? Todos os dias quando vocês chegam aqui qual é a primeira coisa que vocês fazem? C: faz a rodinha! P: E o que vocês fazem na rodinha? C: conversa, canta música! P: E depois da rodinha o que vocês fazem? C: faz tarefa. P: Faz tarefa, e o que mais? C: copia. P: E depois de copiar e fazer a tarefa o que vocês fazem? C:

joga, come. P: Aqui tem comida? C: tem! P: E a comida é gostosa? C: é! P: O que vocês comeram hoje? C: carne, arroz, feijão. P: E depois do lanche, o que vocês fazem? C: brincar. P: E depois? C: Ah, depois pega a mochila pra ir embora, né! (Conversa Informal, 27/04/2011)

A partir das observações foi possível constatar que as crianças possuíam mais liberdade de expressão durante as aulas com P1, e que esta possibilidade era quase nula quando estavam com P2 e/ou P3:

P1 pergunta quem pode mostrar o dia de hoje, então Bobby, vai até o quadro e aponta, P1 diz que ele está mostrando letras, então Sininho mostra o calendário e Peter Pan diz para Bobby: “você não sabe o que é número?”. Emília sobe na cadeira e mostra o número 18 no calendário. (Diário de Campo, 18/03/2011)

Peter Pan entra na sala (havia ido ao banheiro) e diz para P1 que o banheiro está fechado, então P1 diz para ele “Peter Pan, vá até a secretaria, diz bom dia e pede para abrirem o banheiro, por favor, pois está fechado” Peter Pan sai da sala e segue em direção à secretaria. (Diário de Campo, 17/03/2011)

P2 e P3 buscam as crianças e levam para a brinquedoteca, elas colocam o vídeo com o filme “O espanta tubarões” e as crianças se sentam para assistir. As crianças ficam em silêncio por um tempo, assistindo o filme. 02 crianças do Pré I vieram para a brinquedoteca assistir ao filme, uma menina está chorando muito, então P3 diz: “já se passou um mês que começaram as aulas e você ainda chora todos os dias?” então P2 olha para a menina e diz: “Se você chorar muito, o seu rosto vai derreter”. A menina continuou chorando baixinho. (Diário de Campo, 14/03/2011)

Após terminar o seu lanche Magali sobe em cima da cadeira para ver um painel com números e P2 pede para ela descer. P2 pede que Ligeirinho termine logo de comer para que todos possam ir para a outra sala. P2 puxa Emília pelo braço e a troca de lugar, evitando que ela fique perto de Docinho. (Diário de Campo, 15/03/2011)

P3 Entra na sala, distribui uma folha sulfite para cada aluno, as crianças estão gritando muito, Peter Pan pergunta o que vão fazer, P3 diz que vão passar tinta na mão. Peter Pan diz “Oba”. P3 diz que só vai passar tinta na mão de quem ficar quietinho e calado. P3 me diz que não sabe o nome dos alunos. P3 passa pelas mesas, pergunta o nome de uma criança, escreve na folha, passa tinta na mão dessa criança e pede para que ela coloque a mão na folha, e depois pede para ir lavar as mãos. Penélope Chamosa vai até P3 e pede para ela passar a tinta em sua mão então P3 diz: “Você vai ser a ultima, e quem reclamar vai ser o ultimo”. (Diário de Campo, 15/03/2011)

Portanto, as situações vivenciadas confirmaram uma rotina pouco flexível, com interações bastante precárias entre as crianças e os adultos, basicamente limitadas a ordens, regras e recriminações, em que muitas vezes as crianças não eram ouvidas ou compreendidas. Desse modo, ficou caracterizada uma educação para a docilidade, a subalternidade em que tudo era conduzido a partir das determinações dos adultos que

instituíam estratégias para submeter às necessidades e desejos infantis aos seus, conformando as crianças à obediência^x.

A coordenadora chega à sala e então Chico Bento, Saci e Pernalonga começam gritar. P1 pede para pararem, assim, um fica colocando a culpa no outro. Então P1 pergunta se eles se esqueceram do “cantinho do pensamento”. Assim que a coordenadora deixa a sala, P1 diz para todos: “Olha, toda vez que vier alguém aqui, não quero saber de gritaria, qual é o nosso combinado? Quem grita fica sem o que?” As crianças respondem: “fica sem brinquedo, sem assistir...” P1 complementa: “Fica sem brinquedo, sem assistir, sem recreio e vai para o cantinho do pensamento”. (Diário de Campo, 21/03/2011)

Mônica olha para o lado e grita: “Tia, todo mundo ta comendo lanche” se referindo a Lindinha, Florzinha e Chico Bento. Então P1 diz: “E eu mandei?”. Logo em seguida P1 olha no relógio e diz: “Tá, pode comer”. (Diário de Campo, 21/03/2011)

Enquanto P3 passa pelas cadeiras passando tinta nas mãos das crianças, Peter Pan, Cebolinha e Homem-Aranha começam a correr e dizem que vão pular a cadeira, então P3 diz que eles não vão fazer isso de jeito nenhum. P3 diz para Cebolinha que ele não vai brincar lá fora. As crianças começam a sair da sala, então P3 vai atrás e chama a atenção de todos. (Diário de Campo, 15/03/2011)

Emília pergunta para P1 “Tia, depois podemos brincar disso?” apontando para o livro, P1 diz: depois deixo vocês lerem o livro, então Emília diz: “não é ler, é brincar!” P1 diz “Não! com o livro não!” então Emília tenta mais uma vez explicar: “Não é com o livro é brincar disso” Então P1 diz: “ah sim, depois quero ver vocês brincando disso, se referindo a história” (Diário de Campo, 14/03/2011)

As crianças demonstravam ter clareza de todo este processo disciplinador e pareciam tê-lo entendido com naturalidade, aludindo ter assimilado a ideia de que mereciam ser punidos se “não se comportassem direito”, uma vez que elas mesmas delatavam com frequência os colegas que hora ou outra “fugiam dos eixos”. Porém, suas falas e expressões estavam impregnadas da aversão que sentiam ao serem punidos: “Eu não gosto de ficar no cantinho do pensamento”.

A contradição explícita acima nos atos e nas falas das crianças, - entendiam e requeriam a punição dos erros, mas nem por isso consideravam esta sensação mais agradável – é discutida por Gonzálles e Padilla (1995) que baseadas nos pressupostos da teoria piagetiana, caracterizam esta etapa do desenvolvimento moral em que as crianças pré-escolares se encontram em *heteronomia moral*, denominada ‘moral do respeito unilateral ou de obediência do adulto’. De acordo com as autoras, as crianças deste nível consideram que, se uma regra é desobedecida, deve-se sofrer um castigo. Nesta etapa “[...] a criança orienta-se pelo castigo e pela obediência ao poder superior sem questioná-lo; o bem e o mal são

determinados pelas consequências materiais da ação, sem levar em consideração outra coisa” (p. 175).

Assim, procuramos abarcar questões que emergiram das observações e dos contatos estabelecidos durante o processo de coleta de dados, bem como da análise das significativas participações das crianças, da coerência em suas falas com relação aos vários temas tratados sobre a instituição escolar que frequentam. Dessa forma, podemos concluir que a instituição de Educação Infantil a que as crianças tiveram acesso se caracteriza por uma rotina pouco flexível, pela falta de momentos em que as crianças poderiam expressar suas percepções, bem como pela insuficiência de espaços condizentes para brincadeiras e atividades que requeriam maiores movimentos.

Mas, como seria a escola desejada pelas crianças? Quais seriam os elementos essenciais na construção de uma escola que fosse capaz de cuidá-las e educá-las, pensando prioritariamente nas suas necessidades e nos seus desejos?

A ESCOLA DOS “MEUS SONHOS”: TEM QUE TER LUXO!

Na concepção das crianças, alguns elementos são fundamentais para a construção de uma escola bem legal. Todas elas atribuíram à brincadeira e aos brinquedos uma importância sem igual, e, durante a técnica “Historia para Completar”, referências a brinquedos estiveram presentes na fala de todos os grupos. As crianças mencionaram uma grande variedade de brinquedos que gostariam que a escola bem legal lhes oferecesse, e abordaram detalhes interessantes sobre eles: “Uma casa bem grande, pra gente poder ir lá, vai ter festinha, cada coisa legal” “boneca, carrinho de boneca, moto de boneca”.

Ao serem indagadas acerca do que deveria ter em uma escola bem legal, as crianças também destacaram como um componente importante a professora. Todavia, a importância concebida a esta profissional foi essencialmente referente ao processo de aquisição de leitura e escrita “dar aula para a criança pequena, ensinar a ler e a escrever”. Assim, o que foi constatado na pesquisa sobre a qualidade da Educação Infantil na perspectiva da criança realizada por Cruz (2008, p. 87) que “as crianças trazem a apreensão delas de um fenômeno ainda muito presente na sociedade brasileira: a atribuição de importância à pré-escola pelo seu pretense poder de ‘vacinar’ as crianças contra o fracasso escolar no ensino fundamental” foi com este grupo corroborado.

Outro elemento julgado importante dentro de uma escola bem legal e que por esse motivo mereceu destaque na fala das crianças foi com relação à alimentação. Elas se referiram não somente “a comida de todo dia” necessária para atender uma necessidade

fisiológica, demonstrando conhecer muito bem algumas de suas funções: “Na televisão fala que carne dá muita proteína”, mas também citaram guloseimas, como: pão com salsicha, mingau, suco, biscoito.

No momento da conversa informal foi possível identificar o quanto as crianças se sentem ‘presas’ dentro do espaço destinado a elas, envoltas por inúmeras grades e paredes sem atrativos. Assim, no processo da criação de uma escola bem legal, as crianças demonstraram que para elas os aspectos estéticos (cortinas, bandeira, borboletinha, mato que tem árvore) lhes agradam e são tão importantes como os aspectos funcionais, (relativos à adequação das dependências) e ambientais (barulho, calor, frio).

Contudo, apesar dos diversos fatores negativos (mascarados ou explícitos) que permeiam nossas instituições de Educação Infantil, as crianças indicaram que é possível haver ‘luxo’ no fim do túnel:

Emília: você falou que vai precisar de um final pra história, eu sei qual final!
P: então conta pra mim qual final? Emília: dá pra ser um final feliz! P: E como acontece esse final feliz, o que mais tem que ter na escola, nesta escola bem legal, mais alguma coisa? Emília: luz, banheiro, luxo! P: luxo! O que é luxo? Emília: luxo é ficar bonito! P: hum! Tem que ter luxo, a escola tem que ser bem bonita! E o que tem que ter nesta escola pra ela ser bem bonita? Emília: Tem que ter brilho, muita coisas legais! P: Mas o que são essas muitas coisas legais? Fala pra mim? C: tem que ter brilho P: e esse brilho vai estar aonde? (Emília fica em silencio aponta os dedos para as paredes e dedilha no ar) P: Na parede, no ar, por toda parte? Emília sorrindo assente com a cabeça, P: ah entendi! (História para Completar, 29/04/2011)

CONCLUINDO: DA PRA SER UM FINAL FELIZ!

O exercício de dar ouvidos às falas das crianças pequenas nessa pesquisa não se constituiu de maneira simples. Isso ocorreu especialmente devido a duas razões; a primeira delas diz respeito à nossa inexperiência em, de fato, “ouvir” e “considerar”, a fala das crianças, seja através do dito e/ou do não dito. A segunda razão refere-se à escassez de referências teórico-metodológicas disponíveis para esse tipo de investigação. Como já foi mencionado, os estudos em que as crianças são consideradas informantes principais, ainda representam exceções no panorama das pesquisas na área das Ciências Sociais.

Em contrapartida a eleição de instrumentos que viabilizassem a escuta do que tinham a dizer as crianças de cinco a seis anos de idade sobre a instituição de Educação Infantil que frequentavam se tornou mais fácil, haja vista que alguns dos instrumentos (desenhos, histórias) eram vivenciados cotidianamente, isto é, faziam parte da dinâmica escolar, do universo infantil. Entretanto, a interpretação dos dados também demandou certo exercício de reflexão, tendo em vista o que aponta Cruz (2009, p. 3), de que “a criança desta

faixa etária já possui conhecimentos suficientes para supor o que “deve” ou “não deve” ser dito a um adulto. Aliado a isso, ela também começa a exercer algum controle sobre o que quer dizer ou omitir ao pesquisador”.

Todavia, de um modo geral, as opções teórico-metodológicas que conduziram este estudo mostraram-se bastante adequadas para a consecução dos seus objetivos. As estratégias de solicitar a ajuda das crianças para apresentarem a escola, bem como a completarem uma história, estimulou a expressão de suas concepções, incentivando as mesmas a transferirem para essa situação as suas vivências, sentimentos e desejos. A maneira como foram aplicadas também possibilitou uma participação positiva^{xi}; o fato das crianças estarem em grupos, acompanhadas por seus pares, deixou-as mais à vontade para expressarem seus pontos de vista aos adultos^{xii}.

Vale considerar que outros elementos estimularam a participação das crianças: o gravador, (ao fim das gravações as crianças pediam para escutarem suas vozes e se mostravam deslumbradas em contato com este registro) tudo indica que o fato de suas vozes estarem sendo gravadas e anotadas reforçava o valor que estava sendo atribuído ao que diziam. Neste sentido, em alguns momentos as crianças demonstravam este sentimento de valorização perguntando: “Você anotou aí o que eu disse?”. O fato de haverem adultos interessadas em suas opiniões também reforçava suas vontades de participação que muitas vezes ocorreram de forma tumultuada (várias crianças querendo falar ao mesmo tempo). O contato com a veemência desse sentimento permitiu a construção da hipótese de que muitas destas crianças não costumam ter durante o seu cotidiano a oportunidade de serem verdadeiramente ouvidas.

Em vários momentos identificamos que ao contrário do que pensam muitos adultos, as crianças parecem não estarem satisfeitas com a escola e as práticas ali desenvolvidas. Com relação aos desenhos, foram constatadas reações de desagrado ao tema proposto, confirmadas na recusa expressa em desenhar sobre “coisas da escola”. Em alguns momentos quando indagadas sobre o que estavam desenhando a respeito da escola a fuga ao tema ficava explícita: “Peixinho, avião, cavalo”. Esta hipótese é novamente confirmada através das características atribuídas à escola idealizada pelas crianças durante a *História para completar*, tais como: uma instituição com piscina, quadra, casa bem grande; materiais como computadores, brinquedos; lanches gostosos, como pão com salsicha, mingau; a presença de várias crianças que possibilitem muita brincadeira e com uma professora que dê aula ou que se preocupe em ensinar seus alunos a ler e escrever.

O contexto ao que as crianças estavam imersas refletia intensamente na forma como se expressavam. Nesta investigação, foi possível identificar que em algumas situações, prioritariamente durante as aulas com (P1), as crianças tiveram oportunidades de ouvir histórias, explicações, justificativas e foram estimuladas a repetir ou reelaborar estas ações. Entretanto, mais de uma vez, verificou-se que o que predomina na instituição pesquisada é a carência de experiências de qualidade, principalmente no que diz respeito às expressões orais das crianças^{xiii}, evidenciadas através do escasso vocabulário geralmente empregado através de frases bem curtas, muitas vezes restritas a uma ou duas palavras, bem como do difícil entendimento do que estavam sendo convidadas a dialogar^{xiv}.

Todas as crianças supervalorizavam o curto espaço de tempo destinado ao brincar que recebiam, atribuindo à brincadeira uma importância sem igual. Foi possível identificar com clareza o conhecimento que elas possuíam a respeito das características que envolviam o ambiente educativo do qual faziam parte, ou seja, da rotina pouco flexível, das relações interpessoais, e bem como das consequentes regras e normas estabelecidas para uma ‘boa convivência’ entre os pares^{xv}.

A realização desta investigação permite afirmar que a relevância conferida à criança, como um ser competente, completo e de direitos, bem como o privilégio dado as suas informações, geralmente excluídas do processo de discussão sobre políticas e práticas educacionais, podem indicar subsídios importantes para se planejar creches e pré-escolas que as cuidem e eduquem respeitando mais os seus desejos, as suas necessidades e particularidades. Em suma, a escuta das crianças neste estudo reforça a ideia da sua competência e a possibilidade de que sejam eleitos informantes privilegiados acerca de temas que lhes dizem respeito.

Cabe neste momento ressaltar, que muitas das sugestões apontadas por estas crianças para transformar a escola em um espaço legal, de convivência agradável, prazerosa e estimulante, se constituem nas condições básicas que deveriam existir em qualquer instituição de Educação Infantil, tais como: professoras preparadas e solícitas às reais necessidades de seus alunos; espaços amplos, variados e bem distribuídos que permitam a liberdade de expressões corporais, dotados de materiais e de equipamentos destinados à brincadeira; proposição de atividades significativas, entre outros.

Todas estas questões têm sido lembradas e afirmadas também por pesquisadores^{xvi} e por muitos profissionais da área que se preocupam com a criança enquanto um ser completo, competente e de direitos, o que confirma mais uma vez o que aponta Cruz (2009) acerca da fragilidade da concepção de criança, errônea e truncada ainda muito presente

entre os adultos, expressa na letra da canção que diz: “Ele é uma criança, não entende nada!”^{xvii}

Nesse sentido, utilizando as palavras de Oliveira-Formosinho (2008, p. 70), escutar as crianças tem um caráter transformador, sendo assim, cabe a nós, pesquisadores da infância sermos ousados e aceitar o desafio: “O desafio é o de as ouvir no que tem para nos dizer e o de as escutar, isto é, tornar as suas falas centro da compreensão dos contextos educativos e da sua transformação”...

Notas

ⁱ Cruz (2008); Cruz (2009); Francisco; Rocha (2008); Oliveira-Formosinho (2008), entre outros.

ⁱⁱ Até então silenciado pelos estudos predominantemente centrados em uma concepção única e universal de criança. Conferir Borba (2008).

ⁱⁱⁱ Um fator determinante na eleição desta turma para a realização da investigação foi um contato anteriormente estabelecido com este agrupamento de crianças.

^{iv} Os desenhos não foram eleitos como dados principais, sendo utilizados na coleta de dados apenas como forma de deixar as crianças mais a vontade para expressarem verbalmente suas percepções.

^v Os procedimentos metodológicos determinados para a coleta dos dados ocorreram em dias e horários diversos, no âmbito escolar com a autorização da Diretora, da Professora e dos Pais das crianças.

^{vi} Técnica utilizada por Cruz (2008) ao realizar uma pesquisa a fim de identificar a qualidade da educação infantil, na perspectiva das crianças.

^{vii} De acordo com Cruz (2008), os termos usados refletem o interesse em aproximar-se o mais real possível da linguagem comumente utilizada pelas crianças. A expressão “legal” refere-se a algo bom, agradável, que dá prazer.

^{viii} Vale registrar que as estratégias utilizadas para a obtenção de respostas mais detalhadas ou uma participação efetiva de todos, também foram utilizadas por Cruz (2008), em sua investigação acerca das opiniões das crianças sobre a qualidade da EI.

^{ix} No município de Corumbá-MS, esta troca de professores faz parte da dinâmica da Educação Infantil; assim, as crianças têm duas horas-aula semanais de Artes e duas horas-aula semanais de Jogos e Recreação.

^x Estas características que denotaram uma rotina pobre e pouco flexível também são analisadas por Cruz (2008).

^{xi} Vale lembrar que, como já foi esclarecido, antes de iniciar as estratégias metodológicas, foi certificado quais eram as crianças que compartilhavam o desejo de participar.

^{xii} Tendo em vista a desigual relação de poder existente entre adultos e crianças, combinada com as também desiguais relações étnicas e de gênero, que como aponta Campos (2008), muitas vezes levam as crianças a fornecerem as respostas que julgam serem as esperadas, não refletindo honestamente os seus pontos de vista.

^{xiii} A escassez de experiências oferecidas às crianças na qualidade de sua expressão oral, dentro de instituições de Educação Infantil também é abordada por Cruz (2008).

^{xiv} Quando convidadas a falar sobre “O que não gostam de fazer dentro da instituição” as crianças ficaram um considerável tempo repetindo “não” ou “eu não gosto”. Assim, as perguntas foram reelaboradas de forma que pudesse ser compreensíveis a todos, tomando a seguinte forma: “Tem alguma coisa que vocês acham ruim, ou chato de fazer aqui na escola?”

^{xv} Cruz (2008) nos incita a refletir sobre as chamadas ‘regras de convivência’ com foco exclusivo na criança, uma vez que nelas não são listadas ações que as professoras e os adultos não devem fazer.

^{xvi} Tais como: Alderson (2005); Cruz (2008); Cruz (2009); Francisco; Rocha (2005); Soares (2006); Oliveira-Formosinho (2008), entre outros.

^{xvii} Parte da letra da canção “Sou uma criança, não entendo nada” de autoria de Arnaldo Antunes.

REFERÊNCIAS

- ALDERSON, P. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-442, mai./ago. 2005
- BORBA, A. M. As culturas da infância no contexto da educação infantil. In: VASCONCELLOS, T. de. (org.). *Reflexões sobre infância e cultura*. Niterói: Eduff, 2008, p. 73-91.
- CAMPOS, M. M. Porque é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, S. H. V. (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 43-51.
- CRUZ, R. C. de A. A pré-escola vista pelas crianças. 32ª Reunião anual da ANPED, Caxambu – MG. *Anais eletrônicos*, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT07-5619--Int.pdf>. Acesso em: 04/08/2011.
- CRUZ, S. H. V. A qualidade da educação infantil, na perspectiva das crianças. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (org.). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora, 2008, p. 75-93.
- FRANCISCO, Z. F. de; ROCHA, E. A. C. Zé, tá pertinho de ir pro parque? “O tempo e o espaço do parque em uma instituição de educação infantil. In: CRUZ, S. H. V. *A criança fala. A escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 307-311.
- GONZÁLES, M. Del M.; PADILLA, M. L. Conhecimento social e desenvolvimento moral nos anos pré-escolares. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (org.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artmed, 1995, p. 165-177.
- LEITE, M. I. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, S. H. V. (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 118-140.
- NARODOWSKI, M. Adeus à infância: e à escola que a educava. In: SILVA, L. H. da (org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 172-177.
- NASCIMENTO, C. T. do; BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, V. F. de. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. *Revista Olhar do Professor*, Universidade Estadual de Ponta Grossa, p. 01-16, 2007.
- OLIVEIRA, A. M. R. de. Do outro lado: a infância sob o olhar de crianças no interior. In: CRUZ, S. H. V. (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 283-285.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. In: _____. (org.). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora, 2008, p. 13-29.

SOARES, N F. A investigação participativa no grupo social da infância. *Currículo sem Fronteiras*, v. 6, n. 1, p. 25-40, jan./jun., 2006.

Recebido em novembro de 2011.

Aprovado em fevereiro de 2012.